

Cerveja premiada
com identidade
e raízes
em Itabira

Riquezas que agregam valor à região

Novos negócios, produtos
e mercados abrem
caminhos para uma
economia regional
mais diversificada

Do leite de búfala
à conquista
de novos
mercados



E S P E C I A L



EXPOSIBRAM 2026

PATROCINADOR DA COBERTURA




NEGÓCIOS
E CONEXÕES


AS PRINCIPAIS
ENTREVISTAS


TECNOLOGIA
E INOVAÇÃO


MINERAÇÃO
SUSTENTÁVEL

PATROCINADOR DOS ESTANDES


VALNET
EMPRESAS



Anglo American participa da
Exposibram 2026 com foco
em diálogo e futuro da mineração

PÁGINAS 10 e 11



Da obrigação à estratégia:
Quando meio ambiente e segurança
passam a fazer parte do negócio

PÁGINA 13



A madeira que move
a mineração

PÁGINA 14

EXPEDIENTE

Direção
Marcelo Eleto

Editor
Sérgio Santiago

Estagiária
Isis Oliveira

Reportagem
Raquel Luciano

Diagramação
Eduardo Souza

Impressão
Sempre Editora

CONTATO
JORNALISMO:
redacao@cidadeeminerais.com.br

COMERCIAL:
comercial@cidadeeminerais.com.br
(31) 98798-5580

Acesse:
cidadeeminerais.com.br

CNPJ: 28.286.958/0001-00
Itabira/MG

Exposibram 2026: a nova lei e o lugar das cidades mineradoras

A Exposibram 2026 reuniu em Belo Horizonte, entre 24 e 27 de agosto, mais de 750 estandes na edição que marcou os 50 anos do IBRAM. Esta coluna acompanhou parte da programação pelo Jornal Cidades e Minerais, e o assunto mais recorrente nas salas do congresso dizia respeito menos aos equipamentos do que aos lugares de onde os minérios saem e para onde a riqueza deveria retornar. O momento reforça essa leitura. Durante o congresso, a política nacional para minerais críticos ainda era um projeto de lei em debate no Senado. Em 16 de setembro, foi sancionada como Lei nº 15.506/2026, e os debates de agosto podem agora ser relidos com a norma publicada. A lei aposta na industrialização, priorizando beneficiamento e transformação no país para que o Brasil deixe de ser apenas exportador de commodities. A tese central deste texto é que o maior legado da feira foi a constatação de que reservas minerais só se convertem em desenvolvimento quando encontram instituições capazes de lhes

dar sustentação, e que essa constatação tem destinatário certo: os municípios onde a mineração acontece.

O IBRAM estima US\$ 76,9 bilhões em investimentos entre 2026 e 2030, dos quais US\$ 21,3 bilhões para minerais críticos. Os debates apontaram os gargalos que separam a reserva da produção, como mapeamento geológico, licenciamento e logística. São questões de Estado, que dependem de coordenação federativa e de previsibilidade regulatória.

Em um dos talk shows, quando o projeto ainda tramitava, o agronegócio foi lembrado como referência de trajetória institucional, por ter consolidado política pública e fomento próprios, caminho que a mineração ainda percorre. No painel que reuniu cinco estados e um município de longa tradição mineral, a diversificação econômica ocupou o centro da conversa, com o turismo entre os caminhos possíveis, a articulação das pessoas do território como condição para dar força à pauta e a defesa de um planejamento de curto e médio prazo enquanto a mina ainda opera. Essa discussão alcança o superficial notificado para uma pesquisa mineral e o gestor que administra uma compensação financeira sujeita às oscilações do mercado. O painel sobre engajamento comunitário lembrou que a licença social nasce da confiança construída e que a consulta prévia, livre e informada é um direito. No debate sobre a Lei Geral do Licenciamento Ambiental, gestores estaduais relataram que boa parte da judicialização nasce de conflitos sociais nos territórios, mais do que dos impactos físicos dos empreendimentos, e defenderam vincular as condicionantes a políticas públi-

cas já estruturadas.

A segurança jurídica que o setor reivindica, com razão, tem uma contrapartida no território, que é a previsibilidade das obrigações assumidas perante comunidades e municípios. A Lei nº 13.540/2017 orienta que parte da compensação financeira seja aplicada preferencialmente em diversificação econômica, o que ainda carece de planejamento. O Plano de Fechamento de Mina, disciplinado pela Resolução ANM nº 68/2021, ganha força quando tratado como estratégia do negócio e integrado aos planos diretores e às instâncias locais de participação.

O país que sai deste agosto dispõe de lei, de capital e de geologia, e resta completar a arquitetura institucional que liga a sala do congresso ao lugar onde a mineração acontece, porque é ali que se decidirá se o novo ciclo será lembrado como mais uma temporada de exportação de concentrados ou como o momento em que o Brasil aprendeu a fazer da mineração um projeto de território.



Mariana Santos

Desenvolvimento econômico territorial, integrando estratégia empresarial, estrutura jurídica e diversificação econômica

Contato: (31) 983290235

O futuro da mineração no **Médio Piracicaba** começou a ser planejado. **Agora precisa avançar.**

Quero atuar para aproximar projetos do Governo de Minas, buscar recursos e ajudar esse planejamento a virar oportunidades para a região.

DANILO ALVARENGA
25252
DEPUTADO ESTADUAL

PRD25

CONTRATADA: 28.286.958/0001-00 - MEDIDA 11X15,5cm

DE ITABIRA, PELAS CIDADES MINERADORAS DE MINAS.

NÚBIA CITY | DEPUTADA ESTADUAL | **VOTE 18040**

PROPAGANDA ELEITORAL: 68.437.708/0001-48 - REDE SUSTENTABILIDADE
CONTRATADA: 28.286.958/0001-00 - VALOR: R\$ 1.100,00 - MEDIDA 11X7,8CM

Arquitetura como elo estratégico para o desenvolvimento territorial

Em territórios complexos, boas decisões dependem de quem consegue conectar investimento, espaço, pessoas e futuro

Grandes investimentos não transformam apenas empreendimentos. Transformam fluxos urbanos, demanda por infraestrutura, habitação, serviços, mobilidade, paisagem, patrimônio e relações comunitárias. Por isso, o sucesso de um projeto não depende somente de sua execução técnica ou de seu retorno econômico: depende da forma como ele se integra ao território.

É nesse ponto que a arquitetura e o urbanismo assumem valor estratégico. A visão do arquiteto permite reunir questões que, muitas vezes, são tratadas separadamente: viabilidade, uso do solo, infraestrutura, legislação, impacto urbano, qualidade dos espaços, patrimônio, meio ambiente e desenvolvimento econômico. Essa leitura integrada contribui para antecipar riscos, mediar interesses e transformar demandas complexas em soluções consistentes.

Para André Lage, arquiteto e urbanista e fundador da Simple Arq&Design, o arquiteto deve ocupar uma posição mais ativa nas decisões que envolvem grandes empreendimentos e a transformação das cidades.

“Empresas, prefeituras e comunidades possuem necessidades legítimas e complementares. O desafio é criar uma interlocução técnica capaz de organizar essas demandas e direcioná-las para resultados viáveis, seguros e duradouros.”

Em Itabira, a Simple atua na análise de projetos e na fiscalização de obras em alguns dos

principais condomínios residenciais da cidade. O trabalho envolve verificar o cumprimento dos parâmetros urbanísticos, construtivos e administrativos definidos pelos condomínios e pela legislação municipal, além de prestar apoio técnico às administrações e aos síndicos.

A atuação também reúne projetos arquitetônicos, planejamento urbano, estudos de viabilidade, análise e aprovação de projetos e consultoria técnica. Essa diversidade evidencia a importância do arquiteto como profissional capaz de conectar normas, decisões, empreendimentos e território.

O trabalho contribui para que as obras sejam executadas em conformidade com os projetos aprovados e as normas internas, preservando qualidade, segurança, valorização patrimonial e harmonia do empreendimento como um todo.

A mesma visão de clareza e prevenção orienta o MTTM — Modelo de Transição Territorial Mineradora. Além de integrar dados urbanos, econômicos, sociais, ambientais e de infraestrutura, a metodologia prevê instrumentos como o Plano Diretor Ilustrado: uma forma visual, organizada e acessível de apresentar as normas de uso e ocupação do solo e demais legislações urbanísticas.

O objetivo é facilitar a interpretação técnica, padronizar entendimentos e orientar previamente proprietários, empresas, profissionais e poder público. Quando as regras são compreendidas antes da

tomada de decisão, reduzem-se dúvidas, conflitos, retrabalhos e incompatibilidades entre projetos, investimentos e território.

O MTTM também utiliza o ITT — Índice de Transição Territorial — para acompanhar e reavaliar periodicamente os territórios, identificando avanços, vulnerabilidades e novas demandas. Dessa forma, dados dispersos se trans-

formam em informações claras para orientar prioridades, investimentos e decisões de municípios, empresas e mineradoras.

Mais do que responder a demandas isoladas, a arquitetura pode ser o elo técnico entre os diferentes setores que constroem o desenvolvimento: empresas, poder público, profissionais, investidores e comunidade.

A arquitetura hoje possui um papel muito mais amplo do que apenas a criação de projetos residenciais.

André Lage



Propaganda Eleitoral - Mucida Deputado Federal - Partido Avante CNPJ 08.495.842/0001-12 Jornal Cidades e Minerais CNPJ 28.288.956/0001-00 RSTL 1001.00

A MINERAÇÃO GERA RIQUEZA. AS CIDADES MINERADAS PRECISAM PARTICIPAR DELA.

- ✓ **Transparência na mineração**
- ✓ **Fiscalização da CFEM**
- ✓ **Desenvolvimento para os municípios minerados**

Bernardo Mucida é advogado, cientista político, foi vereador em Itabira e deputado estadual.

A voz do Médio Piracicaba em Brasília, a chance é real!

FEDERAL É MUCIDA 7090

EXPERIÊNCIA QUE FAZ A DIFERENÇA

O trabalho de Tito Torres pelo Médio Piracicaba, sua região natal, já fez a diferença em muitas cidades:

- Engenharia Mecânica e Direito na UEMG
- Reformas e melhorias em escolas
- Pavimentação, pontes, drenagem e melhorias viárias
- Apoio às APAEs e entidades de inclusão social
- Tomógrafos, ultrassons, aparelhos de anestesia e outros equipamentos para hospitais da região

Isso é só uma parte. Há muito mais para fazer pelo Médio Piracicaba.

DEPUTADO ESTADUAL TITO TORRES 55240

Trabalho que faz a diferença

CANDIDATO: 08.545.274/0001-08
CONTRATADA: 28.288.956/0001-00
VALOR: R\$ 1.125,00
MEDIDAS: 11x7 ECM



Do hobby ao pódio

De uma pequena panela no fogão a lenha a uma cervejaria com rótulos reconhecidos em concursos nacionais e internacionais, a Ayres transforma paixão em negócio e aposta na expansão da marca a partir de Itabira

Uma pequena panela de aproximadamente 30 litros, um fogão a lenha e a disposição para aprender. Foi assim, há cerca de uma década, que começou a história da Cervejaria Ayres, em Itabira. O que nasceu como uma experiência caseira entre pai, filho e amigos ganhou escala, conquistou consumidores, transformou-se em empresa e, nos últimos anos, passou a colecionar medalhas em concursos cervejeiros.

Hoje, quem chega à sede da Ayres, no bairro São Pedro, encontra uma estrutura profissional de produção, espaço para eventos, atendimento ao consumidor, delivery de chope e uma marca que começa a buscar novos caminhos para sair das fronteiras de Itabira. A empresa prepara a expansão das vendas de cervejas em lata por meio do comércio eletrônico, com a intenção de alcançar consumidores de outras regiões do país.

No centro dessa trajetória está o engenheiro civil Pedro Ferraz Ayres, que trocou parte da rotina da construção civil pela produção de cerveja. Formado pela UFMG, com MBA em negócios da construção civil, Pedro chegou a atuar na área da família, participou de obras e ajudou a construir empreendimentos na cidade. A cervejaria, porém, acabou se tornando seu principal negócio.

A história começou antes de existir uma empresa. “Foi um hobby que a gente adquiriu”, conta Pedro. Ele e o pai, Sebastião Ayres, começaram a produzir cerveja em casa, acompanhados por dois amigos. As primeiras brassagens eram pequenas. A panela tinha capacidade para

cerca de 30 litros — volume que rapidamente se mostrou insuficiente para um grupo que gostava de beber aquilo que produzia.

A produção aumentou. Vieram as panelas de 100 litros e, depois, uma estrutura improvisada no pátio da construtora da família. O antigo fogão a lenha passou a fazer parte do processo. As cervejas eram produzidas, fermentadas e armazenadas com os recursos disponíveis. Até que começaram a sobrar garrafas. Foi quando surgiu uma oportunidade para testar o produto no mercado. Um amigo havia aberto o Armazém da Geraís e recebeu algumas das cervejas produzidas pelo grupo. A resposta dos consumidores surpreendeu.

“A gente colocou a cerveja que fazia para vender lá e o pessoal começou a gostar muito. A gente foi vendo aquela aceitação”, lembra Pedro.

A brincadeira começava a adquirir características de negócio. A estrutura cresceu junto com a demanda. Pedro chegou a manter quase 20 geladeiras na construtora para controlar a fermentação. Depois vieram câmaras frias, barris e equipamentos cada vez mais adequados à produção profissional. A formação também mudou de patamar. Pedro fez cursos específicos e iniciou uma pós-graduação em Ciência e Tecnologia Cervejeira. Paralelamente, a família buscou a regularização necessária para transformar a produção artesanal em uma atividade empresarial.

O CNPJ da Cervejaria Ayres foi aberto em 25 de maio de 2017. A empresa permanece ativa em

Itabira, com atividade principal de fabricação de cervejas e chopes. O registro no Ministério da Agricultura veio em 2019, segundo Pedro. Naquele mesmo ano, a Ayres deu um passo importante para apresentar a marca ao público: lançou cinco rótulos em garrafas de 600 ml — Perseguida, Ula Ula, Lúdica, Raparipa e Marreta.

A engenharia por trás da cerveja

A mudança de profissão não significou, para Pedro, abandonar a engenharia. Pelo contrário. A formação técnica passou a fazer parte da maneira como ele enxerga a cerveja.

No próprio site da Ayres, a empresa resume essa filosofia ao falar de um padrão de produção que combina “alma cervejeira” e a precisão associada à formação dos engenheiros.

Para Pedro, a paixão é outro componente fundamental. “Quando a gente faz o que gosta, a gente faz melhor”, afirma. O resultado dessa combinação entre conhecimento técnico, experimentação e preferência pessoal começou a aparecer nos concursos.

A primeira medalha veio em 2019. A Ula Ula Summer Ale conquistou medalha de bronze na Copa Cerveja Brasil.

A premiação abriu uma trajetória que ganhou proporções maiores seis anos depois. Em 2025, a Marreta Double IPA conquistou o título de Melhor IPA do Brasil no Brazilian International Beer Awards. O concurso reuniu 1.465 amostras de 43 países, avaliadas por 46 jurados de 20 nacionalidades.

A conquista levou a Ayres a organizar o Marreta Fest, evento realizado na própria sede da cervejaria, em Itabira, para celebrar a premiação. A programação contou com música, gastronomia e apresentação do Tianastácia.

A Marreta, segundo a descrição oficial da cervejaria, é uma Double IPA de 7,5% de teor alcoólico e 75 IBU, marcada pela presença de lúpulos cítricos americanos e notas de frutas tropicais.

Mas o reconhecimento não parou na cerveja de maior intensidade. Em 2026, a Perseguida Pilsen recebeu medalha de bronze no Concurso Brasileiro de Cervejas. A bebida alcançou 91 pontos na avaliação dos jurados. Pedro destaca que a premiação tem significado especial porque a Pilsen é um estilo de características mais delicadas, no qual pequenas falhas podem ser percebidas com facilidade.

A quarta medalha mencionada pelo empresário veio em 2026. A Lúdica APA conquistou medalha de prata no Concurso Mineiro de Cerveja. A conquista passou a integrar a programação de celebrações da empresa e será destacada no Beer Rock Fest, previsto para outubro na sede da Ayres.

São quatro rótulos premiados em diferentes competições e estilos — da Summer Ale à Double IPA, passando pela Pilsen e pela APA. Para Pedro, mais do que uma coleção de medalhas, os resultados funcionam como uma confirmação do caminho escolhido.

Uma cerveja para cada paladar

A Ayres não trabalha com apenas

um perfil de consumidor. A estratégia da empresa passa justamente pela diversidade de estilos.

A Perseguida, Pilsen puro malte, tem 4,9% de álcool e 10 IBU. É descrita pela cervejaria como uma bebida de corpo leve, coloração dourada, boa carbonatação e equilíbrio entre malte e lúpulo.

A Ula Ula Summer Ale apresenta 5% de álcool e 20 IBU. Os lúpulos americanos trazem notas de frutas tropicais, mas sem um amargor acentuado.

A Lúdica APA, por sua vez, sobe um degrau na intensidade. São 5,3% de álcool e 37 IBU, com maior presença de lúpulo e amargor médio.

A Raparipa IPA tem 6,8% de álcool e 67 IBU. A receita combina lúpulos americanos, alecrim e rapadura, criando um perfil mais complexo.

No topo dessa escala está a Marreta Double IPA, com 7,5% de álcool e 75 IBU.

Há ainda a Lupita Porter, cerveja escura de 5,3% de álcool e 25 IBU, produzida com cinco tipos de malte, com aromas e sabores associados a café e cacau.

A De Boinha, Light Lager com baixo teor de glúten e zero carboidratos, completa a linha comercial divulgada recentemente pela cervejaria.

A lógica, explica Pedro, é permitir que o consumidor entre gradualmente no universo das cervejas especiais. Quem está acostumado às cervejas mais leves pode começar pela Pilsen, experimentar a Summer

Ale, avançar para uma APA e, se desejar, chegar às IPAs mais intensas.

“É só você não entregar um negócio muito extremo de cara”, resume. A estratégia é diversificar sem abandonar os produtos mais acessíveis ao consumidor que ainda não está familiarizado com o universo das cervejas artesanais.

Da Kombi ao espaço de eventos

Se os equipamentos representam a profissionalização da Ayres, existe um símbolo que ajuda a contar a história afetiva da empresa: a Kombi.

A ideia nasceu ainda nos primeiros anos, quando a produção era feita nas pequenas panelas e nas geladeiras improvisadas da construtora.

Pedro tinha uma Kombi parada no local. Inspirado por soluções que conhecia de outros cervejeiros, decidiu transformá-la em um ponto móvel de chope.

A estreia ocorreu no Itabeer Fest, evento que reuniu cervejeiros caseiros em Itabira. A Kombi fez sucesso e nunca mais saiu da operação da empresa.

Hoje, são três veículos desse tipo. A Kombi pode ser levada para casamentos, festas e outros eventos. Tornou-se uma espécie de extensão da identidade da Ayres e, nas palavras do próprio Pedro, um “ícone da cidade”.

A relação entre cerveja e eventos, aliás, é parte importante do modelo de negócio. A Ayres trabalha com delivery de chope para pequenos

eventos e participa de grandes eventos da região. Na sede, mantém um espaço destinado a encontros e programação cultural.

A empresa também passou a explorar colaborações com artistas. Uma das iniciativas recentes envolve o Tianastácia, com o desenvolvimento de uma cerveja colaborativa que utiliza zimbro e dialoga com o universo da banda e de uma de suas músicas. A proposta amplia a atuação da cervejaria para além da bebida.

Negócio local, ambição nacional

Apesar da intenção de alcançar consumidores de outras regiões, Pedro define a Ayres como uma empresa essencialmente local.

A cervejaria já tem presença em Brasília, mas o caminho é particular. Um primo de Pedro, que mora na capital federal, leva os produtos de Itabira para comercialização. Mais do que uma relação convencional de distribuição, o empresário descreve a parceria como uma extensão da própria família.

Agora, a estratégia é mudar a escala da distribuição. A instalação de uma linha de envase de latas cria uma possibilidade que a cervejaria não tinha com a mesma facilidade quando dependia principalmente do chope e das garrafas.

A intenção é estruturar um comércio eletrônico capaz de vender diretamente ao consumidor final e enviar os produtos para outras regiões do país.

Em vez de montar uma rede de distribuidores em cada estado, a

Ayres pretende concentrar a operação logística e utilizar transportadoras e outros operadores para fazer as entregas.

A lata também amplia as possibilidades de entrada em supermercados e outros pontos de venda. O movimento representa uma mudança importante: uma cervejaria que nasceu para atender os amigos e depois conquistou o mercado de Itabira começa a construir mecanismos para encontrar consumidores que nunca estiveram na cidade.

A história da Ayres tem uma particularidade: apesar das medalhas e do crescimento, Pedro ainda fala da empresa como algo em construção. Talvez seja influência da engenharia.

O empresário trocou os projetos de prédios por receitas, tanques, lúpulo e levedura. Mas a lógica permanece parecida: testar, corrigir, aperfeiçoar e construir.

A empresa nasceu de uma produção de aproximadamente 30 litros feita para consumo próprio. Passou pelas panelas de 100 litros, pelas quase 20 geladeiras, pela câmara fria, pelo fogão a lenha e pela primeira Kombi. Chegou aos equipamentos profissionais, aos rótulos em garrafas, às latas, ao comércio eletrônico e às premiações.

O próximo passo é fazer a cerveja produzida em Itabira chegar a mais lugares. “Nosso objetivo é levar as cervejas premiadas da Cervejaria Ayres para cada vez mais pessoas em todo o Brasil”, afirma o empresário.

Pedro Ayres, CEO da empresa, foca agora em expandir para outros mercados por meio do e-commerce





Os rótulos da Ayres

PERSEGUIDA PILSEN

ABV 4,9% | IBU 10
Puro malte, leve, refrescante e equilibrada entre malte e lúpulo.

DE BOINHA LIGHT LAGER

ABV 4,5% | IBU 8
Baixo teor de glúten, zero carboidratos e menor valor calórico.

ULA-ULA SUMMER ALE

ABV 5,0% | IBU 20
Leve, tropical e aromática, com lúpulos americanos.

LÚDICA APA

ABV 5,3% | IBU 37
American Pale Ale de corpo médio, amargor moderado e sabores marcantes.

RAPARIPA IPA

ABV 6,8% | IBU 67
Lúpulos americanos, alecrim e rapadura.

MARRETA DOUBLE IPA

ABV 7,5% | IBU 75
Lúpulos cítricos americanos e notas de frutas tropicais.

LUPITA PORTER

ABV 5,3% | IBU 25
Cerveja escura elaborada com cinco tipos de malte, com notas que remetem a café e cacau.

QUATRO MEDALHAS, QUATRO HISTÓRIAS

2019 - ULA ULA
SUMMER ALE

Medalha de bronze
Copa Cerveja Brasil

2025 - MARRETA
DOUBLE IPA

Melhor IPA do Brasil
Brazilian International
Beer Awards

2026 - PERSEGUIDA
PILSEN

Medalha de bronze
91 pontos

Concurso Brasileiro
de Cervejas

2026 - LÚDICA
APA

Medalha de Prata
Concurso Mineiro
de Cerveja

As quatro premiações correspondem a diferentes estilos e competições, incluindo concursos de abrangência nacional e internacional.



Rua Begônias, 170 - São Pedro
Itabira/MG
(31) 98584-4340 - WhatsApp
(31) 3831-4340
cervejariaayres.com.br
Instagram: @cervejariaayres
Facebook: Cervejaria Ayres



*Sanção do PL dos minerais críticos - o Brasil quer ir além da exportação de minério
Foto_ Igo Estrela*

Da exportação de minério à tecnologia: o novo plano do Brasil

Nova lei cria política nacional para minerais estratégicos, prevê bilhões em incentivos e tenta transformar o Brasil de exportador de matéria-prima em fornecedor de insumos para a indústria de alta tecnologia. Minas Gerais está no centro dessa disputa

Durante décadas, a riqueza mineral brasileira foi associada principalmente ao minério de ferro, ao ouro e a outras commodities exportadas em grande escala. Agora, uma nova categoria de recursos começa a mudar o mapa de prioridades da mineração. Lítio, terras raras, grafita, níquel, nióbio e outros minerais passaram a ocupar espaço central nas discussões sobre transição energética, tecnologia, defesa e soberania econômica.

É nesse cenário que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou, em 16 de setembro, a Lei nº 15.506/2026, que institui a Política Nacional de Minerais Críticos e Estratégicos (PNMCE) e cria o Conselho Nacional para Industrialização de Minerais Críticos e Estratégicos (CIMCE). A proposta pretende fazer mais do que estimular novas minas: busca criar condições para que o país avance também no beneficiamento, refino, transformação industrial, reciclagem e desenvolvimento tecnológico.

O projeto que deu origem à lei, o PL 2.780/2024, foi apresentado pelo deputado federal Zé Silva, de Minas Gerais. Na Câmara, o texto ganhou corpo sob a relatoria do deputado Arnaldo Jardim, responsável pelo substitutivo aprovado em maio. No Senado, a proposta foi relatada por Eduardo Braga, que destacou o caráter estratégico desses minerais para outras cadeias produtivas. O texto foi aprovado pelo Senado em 2 de setembro e seguiu para sanção presidencial.

A lógica por trás da nova legislação é geopolítica. Minerais críticos são aqueles cuja oferta pode estar sujeita a

riscos de escassez, dependência externa, concentração geográfica, restrições de mercado ou gargalos tecnológicos. Já os minerais estratégicos são definidos pela relevância de suas reservas para a economia, o desenvolvimento tecnológico, o desenvolvimento regional ou a redução de emissões.

A disputa não está apenas em possuir jazidas. Está em dominar as etapas seguintes da cadeia. O lítio utilizado em baterias, por exemplo, vale mais estrategicamente quando associado a capacidade de processamento, fabricação de materiais e desenvolvimento tecnológico. A mesma lógica vale para terras raras utilizadas em ímãs permanentes, motores elétricos, eletrônicos e equipamentos de defesa. A lei criou o Fundo Garantidor da Atividade Mineral (FGAM), com previsão de R\$ 2 bilhões em recursos da União, além de mecanismos que podem mobilizar outros R\$ 5 bilhões para beneficiar e transformar minerais críticos e estratégicos no país. Também institui mecanismos de rastreabilidade e prevê a chamada mineração urbana, voltada à recuperação de minerais presentes em resíduos eletrônicos, baterias e veículos em fim de vida.

Outro elemento de peso é o CIMCE, vinculado à Presidência da República. O conselho será responsável por coordenar, planejar e acompanhar a política nacional, inclusive a definição e revisão dos minerais considerados críticos e estratégicos. A legislação prevê ainda mecanismos de controle sobre determinadas mudanças de controle

societário e participações estrangeiras em empresas detentoras de direitos minerários desses recursos.

Para Minas Gerais, a discussão ganha dimensão particular. O Estado reúne importantes recursos de lítio, terras raras, grafita e nióbio, além de outras substâncias estratégicas. O Vale do Jequitinhonha já se tornou referência nacional na produção de lítio, enquanto o interesse por terras raras cresce em regiões como Poços de Caldas e Araxá. Documento do governo mineiro também destaca a relevância estadual em grafita, nióbio, fosfato, potássio e outros minerais.

A movimentação já ultrapassa o âmbito federal. Na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, tramita o PL 5.492/2026, de autoria da deputada Alê Portela, que propõe diretrizes estaduais para terras raras e minerais críticos e prevê um Fundo Estadual de Desenvolvimento Estratégico Mineral. O texto defende agregação de valor, pesquisa, inovação e formação de mão de obra especializada. Mas a nova corrida mineral também traz perguntas. Em Poços de Caldas, por exemplo, a expansão do interesse por terras raras provocou debates sobre impactos ambientais, recursos hídricos e participação das comunidades. Na região do Jequitinhonha, projetos de lítio também são alvo de discussões e fiscalização na Assembleia.

É justamente aí que começa a parte mais importante dessa história. A lei criou o marco; agora começa a disputa para definir como ele será colocado em prática. Para um país historicamente acostumado a

exportar minério, o desafio será transformar vantagem geológica em vantagem industrial, tecnológica e econômica — sem repetir velhos problemas sociais e ambientais.

Para Minas, a questão é ainda maior: o Estado pode estar diante de um novo ciclo mineral. E a pergunta que ficará para os próximos anos não será apenas quanto minério o subsolo mineiro possui, mas quanto conhecimento, tecnologia, indústria e desenvolvimento serão capazes de nascer dele.

O QUE A LEI CRIA

Política Nacional de Minerais Críticos e Estratégicos (PNMCE) - Define diretrizes para pesquisa, lavra, beneficiamento, transformação, mineração urbana e desenvolvimento das cadeias produtivas.

CIMCE - Conselho ligado à Presidência da República para coordenar, planejar e acompanhar a política.

FGAM - Fundo Garantidor da Atividade Mineral, com previsão inicial de R\$ 2 bilhões da União.

Incentivos à transformação - Até R\$ 5 bilhões previstos para estimular o beneficiamento e a transformação de minerais críticos e estratégicos no Brasil.

Rastreabilidade - A lei prevê um sistema para acompanhar a origem, composição e destino dos minerais ao longo da cadeia produtiva.



Produtos Bupalat: da fazenda à mesa, o sabor do leite de búfala

De uma produção caseira de mozzarella iniciada em 2005 à profissionalização e à presença em diferentes mercados, Fazenda Gramagô transforma leite de búfala em produtos que chegam à gastronomia e às mesas dos consumidores

Entre pastagens, manejo e ordenha, um ingrediente de características próprias percorre um caminho que começa na Fazenda Gramagô, em Ferros, e termina em restaurantes, supermercados e mesas de consumidores: o leite de búfala. Foi a partir dessa matéria-prima que a família Bretas construiu, ao longo de mais de duas décadas, uma atividade que deixou de ser apenas pecuária para se consolidar no mercado como a marca própria Bupalat.

A propriedade está localizada na Fazenda Grão Mogol de Cima, na zona rural de Ferros. A empresa responsável pelo empreendimento é a Vale do Ouro Agrosilvo Pecuária Ltda., que mantém entre suas atividades a criação de

bubalinos e a fabricação de laticínios.

A história começou com os irmãos Odilon e Agenor Bretas. Desde crianças, eles acompanhavam o trabalho do pai na propriedade rural. Depois de se formarem, respectivamente, em veterinária e agronomia, deram continuidade à atividade e iniciaram juntos a Fazenda Gramagô.

Em 2005, veio a decisão que mudaria o rumo do negócio: a criação de búfalas. A partir do leite produzido na própria fazenda, começou também uma produção artesanal de mozzarella, inicialmente em barra e em bola.

TRÊS FASES, UMA MESMA HISTÓRIA

A trajetória da Bupalat pode ser contada a partir de três momentos e de três mulheres que ajudaram a construir a marca.

Na primeira fase, Beth Brandão levou os produtos para Belo Horizonte durante aproximadamente dez anos. Sem a estrutura de um laticínio industrializado, ela fazia a comercialização semanal das mozzarellas e abriu espaço para a marca entre clientes de referência da capital. O portfólio chegou a incluir estabelecimentos como a pizzaria Spetiale, o Royal Savassi Hotel e a Mono Confeitaria.

A segunda fase começou em 2020, quando Marina Bretas, filha de Agenor e sucessora da família, assumiu o desafio de profissionali-

zar a operação. Engenheira, ela estruturou a empresa praticamente do zero: criou a marca Bupalat, abriu o CNPJ, organizou as áreas administrativa, financeira, fiscal e contábil, contratou e treinou a equipe e conduziu a adequação do laticínio.

O processo levou três anos até a obtenção dos registros no Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA) e no SISBI-POA. A conquista permitiu à Bupalat comercializar seus produtos em todo o território nacional e abriu uma nova etapa para a empresa.

A profissionalização também trouxe novos desafios. Com uma estrutura formalizada e custos maiores de operação, tornou-se necessário equilibrar produção,





despesas e mercado. Foi nesse contexto que surgiu a terceira fase da história.

Desde janeiro de 2025, a médica-veterinária Alana Pimenta atua na operação do laticínio. Ao lado do companheiro, responsável pelo gerenciamento da fazenda, ela passou a cuidar do processamento dos produtos, enquanto a gestão da produção de leite e da qualidade da matéria-prima permanece ligada ao trabalho no campo.

A divisão aproxima duas pontas fundamentais do negócio: produzir um leite de qualidade e transformá-lo em alimentos com valor agregado.

DA FAZENDA PARA A GASTRONOMIA

Hoje, a linha da Bubalat reúne burrata de búfala, mozzarella em barra, mozzarella em bolinhas e requeijão de búfala. A burrata é o carro-chefe da marca. O principal diferencial está na origem da matéria-prima. Os produtos são elaborados exclusivamente com leite de búfala produzido na própria Fazenda Gramagô, sem mistura com leite de outros produtores. O leite segue da fazenda para o laticínio, permitindo acompanhar de perto as etapas da produção.

A proposta chega também à

gastronomia. Em julho deste ano, a Bubalat participou da “Noite do Chef Bubalat”, promovida pelo Big Mais Supermercados, em Governador Valadares, com o chef Lucas Vieira. Entre as preparações esteve uma entrada com burrata fresca, presunto Parma, crostini, castanhas, frutas vermelhas e mel, além de pizzas e outras receitas.

A presença da marca se estende por diferentes regiões de Minas Gerais. Os produtos podem ser encontrados no Mercado Central de Belo Horizonte e em estabelecimentos de Itabira, Santa Maria de Itabira, Guanhães, Vale do Aço, Ipatinga, Timóteo, Coronel Fabriciano e

Governador Valadares. O próximo passo é ampliar a produção e alcançar novos mercados sem perder a característica que sustenta a história da empresa: trabalhar exclusivamente com leite próprio. Mais do que uma linha de laticínios, a Bubalat representa a transformação de uma atividade rural em uma cadeia de produção que conecta criação, leite, processamento e gastronomia. Da búfala criada em Ferros à burrata servida em uma mesa, existe uma história construída com tempo, sucessão e cuidado.

Bubalat. Delicie e descubra o sabor.

POR QUE CONSUMIR DERIVADOS DE BÚFALA?

São muitas as vantagens do leite bubalino frente ao leite de vaca.



Mais saudável



Rico em proteína



Fonte de cálcio



Vitaminas A e D



Ácido Linoleico (CLA)



Menor colesterol



Isento de caseína A1



Fortalece os ossos

Rico em cálcio e magnésio, contribui para o crescimento e previne a osteoporose.



Melhora a imunidade

Fonte de vitaminas A e C, estimula a produção de anticorpos e ajuda a combater infecções.



Combate os radicais livres

Ação antioxidante que auxilia na prevenção de doenças e no envelhecimento saudável.



Reduz a pressão arterial

Alto índice de potássio, que age como vasodilatador e favorece a saúde do coração.



Tem ácido anticancerígeno

Possui o dobro de CLA em relação ao leite de vaca, associado à prevenção do câncer, obesidade, arteriosclerose e diabetes.



Boa digestibilidade

Apresenta beta-caseína A2, mais bem tolerada por pessoas sensíveis, sem causar distúrbios digestivos.



Ausência de toxicidades

As búfalas são mais resistentes a doenças e ectoparasitas, com menor necessidade de uso de carrapaticidas e berricidas.

Escolha o que faz bem, escolha Bubalat.

ONDE ENCONTRAR A

Bubalat

Belo Horizonte

• San Genaro • Fofo de Belas • Parada do Cardoso
• Cabernet Botequim • Rex Bibendi • Projeto Sabor
• Berillo • Mercado Central

Vale do Aço

• Tratto Italiano • Pizzaria do Jayme • San Fillipo
• Dom Gastro • Casa Mamão
• Supermercado Duvalle

Governador Valadares

Lojas do Supermercado Big Mais

Outras regiões:

• Itabira • Santa Maria de Itabira
• Guanhães • Ipatinga • Timóteo
• Coronel Fabriciano



Nossos Produtos

- BURRATA DE BÚFALA
- MOZZARELLA EM BOLA
- MOZZARELLA EM BARRA
- REQUEIJÃO DE BÚFALA

Todos produzidos exclusivamente com leite de búfala de produção própria.

Bubalat Fazenda Gramagô

Vale do Ouro Agrosilvo Pecuária Ltda.
Fazenda Grão Mogol de Cima — Zona Rural
Ferros (MG)
Telefone: (31) 3840-1021
Instagram: @bubalat_laticinio



Anglo American participa da Exposibram 2026 com foco em diálogo e futuro da mineração

Estande da "Anglosfera" trouxe o conceito de coexistência, mostrou a riqueza da região de Conceição do Mato Dentro e reuniu institucionais e painéis técnicos no maior evento de mineração da América Latina

A Exposibram 2026, realizada de 24 a 27 de agosto no Expominas, em Belo Horizonte, contou com a participação institucional da Anglo American, que estruturou um estande no salão principal do evento, batizado de "Anglosfera". Concebido sob o conceito "Coexistência: Um Futuro Possível", o espaço funcionou como plataforma de relacionamento com o público e trouxe referências à natureza, à cultura e ao potencial turístico da região de Conceição do Mato Dentro, onde a companhia mantém sua operação de minério de ferro. Ao longo dos quatro dias de feira, centenas de pessoas passaram

pelo estande. Esta edição do evento teve um caráter especial. Promovida pelo Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram) para marcar os 50 anos da entidade, a feira teve sua estrutura expandida, passando de 15 mil para 17 mil metros quadrados e reunindo mais de 800 estandes de empresas nacionais e internacionais.

Ao final dos quatro dias de evento, o Ibram confirmou um público recorde de 106 mil visitantes, salto de cerca de 23% em relação aos 86 mil registrados na edição de 2024. O resultado reforçou o porte da Exposibram como o maior encontro de

mineração da América Latina e ampliou a relevância de diversas empresas mineradoras e fornecedoras do setor mineral.

Antes da abertura oficial do evento, foi realizado um fórum inédito reunindo as principais lideranças da mineração brasileira. O encontro foi conduzido por Ana Sanches, presidente da Anglo American no Brasil e presidente do Conselho Diretor do Ibram, ao lado de Pablo Cesário, presidente interino da entidade, e teve como pauta os desafios e oportunidades para os próximos anos do setor.

Na cerimônia de abertura, Ana Sanches destacou a relevância

histórica de Minas Gerais para a mineração nacional, lembrou que Belo Horizonte é sua cidade natal e celebrou os 50 anos de atuação do Ibram, comemorados neste ano. A executiva também participou do talk show de abertura sobre potencial mineral brasileiro, minerais críticos e investimentos, defendendo previsibilidade regulatória, segurança jurídica e atuação conjunta entre setor público e privado para transformar recursos minerais em projetos concretos.

Entre os representantes da companhia, o diretor de Operações Globais, Ruben Fernandes, participou de um



painel ao lado de Paul Polman, ex-CEO da Unilever e referência global em sustentabilidade empresarial, sobre como empresas podem gerar impacto positivo e deixar um legado duradouro, além de um talk show sobre as principais tendências do mercado de commodities minerais, no qual reforçou a necessidade de investimento contínuo em tecnologia e inovação para

atender à demanda por cobre e minério de ferro.

Em um bate-papo realizado no estande da Anglo American, Ruben Fernandes também defendeu que a diversidade precisa fazer parte da estratégia da empresa, e não ser tratada como um programa ou iniciativa isolada. A diretora Jurídica da Anglo American na América Latina e África do Sul, Carolina

Lobato, representou a companhia no 1º Congresso Internacional de Direito e Mineração, promovido pelo Comitê Jurídico da Women in Mining Brasil, realizado em paralelo à Exposibram.

No congresso, a diretora de Assuntos Corporativos e Sustentabilidade, Ana Cunha, participou do painel "Por que queremos tanto ser pop?", sobre a aproximação da mineração com a sociedade. Em outro momento do congresso, a executiva defendeu que a construção da licença social de uma operação precisa começar antes mesmo de sua instalação, e não apenas depois que a atividade já começou.

A programação no estande da empresa incluiu ainda uma palestra do jornalista e viajante Zeca Camargo sobre o potencial turístico de Minas Gerais, convidando o público a olhar o mundo com curiosidade e respeito às diferenças, e um bate-papo sobre carreiras na mineração

conduzido pelo diretor de Pessoas e Organização, Geovanni Vieira, com estudantes da Universidade Federal de Minas Gerais.

O encerramento da participação da Anglo American no evento se deu com o lançamento do livro infantil "Na trilha dos bichos", produzido com apoio do programa de voluntariado Embaixadores do Bem, levando à Exposibram uma mensagem de educação ambiental voltada às novas gerações.

Ao longo dos quatro dias de feira, o estande da Anglo American reuniu discussões sobre minerais críticos, segurança operacional, diversidade, carreira, turismo e sustentabilidade, sempre com a conexão com o território de Conceição do Mato Dentro como referência de fundo. Esse recorte ganhou ainda mais peso em uma edição marcada pelo crescimento estrutural do próprio evento e pelo recorde de público entre as principais mineradoras do país.



Programação no estande da Anglo American contou com palestra do jornalista Zeca Camargo sobre o turismo em Minas Gerais





O mapa virou ativo: por que o território ganhou valor estratégico para a mineração

Com projetos minerais cada vez mais complexos, identificar áreas ambientalmente adequadas deixou de ser uma etapa operacional para se tornar uma decisão estratégica. É nesse mercado que a Geoflora aposta na inteligência territorial

Durante muito tempo, falar em território na mineração significava, sobretudo, falar sobre onde estava a jazida. O mapa servia para localizar o minério, delimitar propriedades e planejar acessos. Essa lógica está mudando. Em um setor submetido a exigências ambientais mais complexas, segurança jurídica e pressão crescente por rastreabilidade, saber onde está a área certa pode ser tão importante quanto saber onde está o recurso mineral.

A mudança cria um novo espaço de atuação para empresas especializadas em inteligência territorial. É o caso da Geoflora, de Conceição do Mato Dentro, que vem ampliando sua atuação com a Geoflora Connect, plataforma voltada à estruturação, validação e conexão de ativos ambientais com empresas, investidores e proprietários rurais.

“O território pode ser o maior ativo ou o maior risco de um projeto”, afirma Carolina Alvarenga, CEO da Geoflora e da Geoflora Connect. Segundo ela, o desafio da mineração não está simplesmente em encontrar uma área com vegetação nativa, mas em identificar territórios que atendam simultaneamente aos requisitos ambientais, fundiários, espaciais e regulatórios de determinado empreendimento.

A diferença parece sutil, mas tem consequências práticas. Uma propriedade pode apresentar cobertura vegetal relevante e, ainda assim, não ser adequada para determinada modalidade de compensação ambiental. Questões fundiárias, localização, características ambientais, exigências regulatórias e relação com o empreendimento precisam ser analisadas conjunta-

mente.

É justamente nessa interseção que entra a chamada inteligência territorial. Em vez de observar cada informação de maneira isolada, a proposta é cruzar dados ambientais, fundiários, geoespaciais e minerários para reduzir incertezas antes que elas se transformem em custos ou entraves para o empreendimento. “Quando esses dados se conectam, eles deixam de ser apenas informação. Eles ajudam a orientar decisões”, resume Carolina.

Da obrigação ambiental ao ativo

A mudança também altera a forma de enxergar as áreas preservadas. Uma floresta deixa de ser apenas uma área que precisa ser mantida intocada e passa a poder integrar uma estratégia mais ampla de conservação, compensação ambiental, regularização de Reserva Legal e outras demandas ambientais.

A Geoflora Connect atua justamente nessa conexão. A plataforma reúne informações e documentação de propriedades, valida os dados e aproxima áreas consideradas estratégicas de empresas e investidores que procuram soluções ambientais. A empresa também trabalha com regularização fundiária, geoprocessamento, conformidade ambiental e comercialização de imóveis rurais destinados à conservação e compensação.

“Mais do que identificar áreas, buscamos estruturar soluções que tragam segurança regulatória, eficiência operacional e geração efetiva de valor para a biodiversidade”, afirma Carolina.

Na prática, isso cria uma ponte entre dois lados de um mercado que nem

sempre conseguem se encontrar. De um lado, empresas que precisam cumprir obrigações ambientais ou estruturar estratégias de sustentabilidade. Do outro, proprietários rurais que possuem áreas de relevância ambiental e podem transformá-las em ativos estruturados, desde que atendam aos requisitos técnicos e legais.

Um mercado que vai além da mineração

Embora a mineração seja um dos principais mercados potenciais, a lógica não se limita a ela. A Geoflora aponta aplicações também em conservação da biodiversidade, regularização de Reserva Legal, Cotas de Reserva Ambiental (CRA), soluções baseadas na natureza e estratégias corporativas ligadas a ESG e resiliência climática.

A discussão ganhou espaço também no debate sobre o futuro econômico das regiões mineradoras. No 2º Fórum Regional de Diversificação Econômica de Conceição do Mato Dentro, Carolina defendeu a ideia de que os territórios possuem ativos estratégicos que nem sempre são reconhecidos como vetores de desenvolvimento. Entre eles estão biodiversidade, recursos hídricos, conhecimento local, identidade territorial, capital humano e infraestrutura ambiental.

É uma mudança de perspectiva importante para Minas Gerais. Em regiões onde a mineração ocupa papel central na economia, diversificar não significa necessariamente abandonar a

atividade mineral, mas também identificar novos valores existentes no território.

Nesse cenário, o mapa deixa de ser apenas uma representação do espaço. Ele passa a reunir informações capazes de orientar decisões econômicas, ambientais e regulatórias.

E essa talvez seja a principal transformação: o valor de um território já não está apenas no que pode ser retirado dele. Está também no que pode ser preservado, regularizado, conectado e transformado em oportunidade.



Carolina Alvarenga,
CEO da Geoflora, é bióloga com mais de 15 anos
de atuação em consultoria socioambiental
e regularização fundiária
Foto_Divulgação

Da obrigação à estratégia: Quando meio ambiente e segurança passam a fazer parte do negócio

Em um cenário de maior exigência ambiental e operacional, empresas precisam ir além do cumprimento da legislação. Para André Milânio, da Ecolabore Engenharia, integração e prevenção são cada vez mais importantes para reduzir riscos e dar segurança às decisões



Durante muito tempo, meio ambiente e segurança do trabalho ocuparam um espaço quase burocrático dentro das empresas. Licenças precisavam ser obtidas, documentos mantidos em dia, treinamentos realizados e normas cumpridas. Essa lógica, porém, vem dando lugar a uma visão mais ampla: a gestão ambiental e a segurança passaram a fazer parte das decisões que determinam a continuidade, a eficiência e a sustentabilidade dos negócios.

É nessa interseção que atua o engenheiro ambiental André Milânio, sócio da Ecolabore Engenharia. Especializado em Saúde e Segurança do Trabalho, ele acumula cerca de dez anos de experiência em consultoria para empreendimentos dos setores de mineração, indústria e construção civil. Também atuou como engenheiro de segurança do trabalho no Hospital Nossa Senhora das Dores, em Itabira, onde foi responsável pelo Serviço Especializado em Segurança e Medicina do Trabalho (SESMT). Para André, a principal mudança está justamente na forma de enxergar o risco. “Meio ambiente e segurança não podem ser tratados apenas como obrigações que a empresa precisa cumprir. Eles precisam estar incorporados ao planejamento e à tomada de decisão. Quando conse-

guimos identificar um risco antes que ele se transforme em um problema, estamos protegendo pessoas, patrimônio, meio ambiente e, ao mesmo tempo, o próprio negócio.”

A mudança de perspectiva tem impacto direto sobre empresas que operam em ambientes complexos, como mineração, indústria e construção. Nesses segmentos, uma falha de planejamento pode produzir consequências que ultrapassam o departamento responsável pelo tema. Um problema ambiental pode comprometer cronogramas e investimentos. Uma condição insegura pode interromper uma operação. Uma documentação inadequada pode gerar passivos e dificuldades para a empresa.

Por isso, a prevenção ganha valor estratégico. “A prevenção precisa acontecer antes da operação, e não depois do problema. É preciso conhecer o processo, identificar os perigos, avaliar os riscos e estabelecer controles que sejam tecnicamente adequados e aplicáveis à realidade de cada empresa”, afirma André.

Integração como diferencial

A própria trajetória profissional do sócio ajuda a explicar a importância dessa integração. A formação em Engenharia Ambiental, associada à

especialização em Saúde e Segurança do Trabalho, aproxima duas áreas que frequentemente são administradas de maneira separada.

Na Ecolabore Engenharia, essa visão se traduz em uma atuação multidisciplinar. A empresa reúne serviços nas áreas de meio ambiente, saúde e segurança do trabalho, mineração e projetos de engenharia, com uma equipe formada por profissionais de diferentes especialidades.

No campo ambiental, o portfólio inclui licenciamento, estudos e projetos ambientais, gestão ambiental, regularização florestal, outorga de uso das águas, análises hídricas e de solo, educação ambiental, monitoramento de fauna e cadastro ambiental rural. Em Saúde e Segurança do Trabalho, a empresa oferece programas e laudos, gestão de SST, treinamentos e exames ocupacionais. Essa diversidade permite que diferentes dimensões de um empreendimento sejam analisadas de maneira coordenada.

“Uma empresa não funciona em compartimentos. O meio ambiente está relacionado à operação, a operação está relacionada às pessoas e as pessoas estão relacionadas aos processos. Quanto mais integrada for essa análise, maior a capacidade de antecipar problemas e encontrar

soluções.”, explica André.

O custo de agir somente depois

A lógica preventiva também modifica a percepção sobre o custo da consultoria. Em vez de representar apenas uma despesa necessária para atender a uma exigência, o trabalho técnico passa a ser visto como uma ferramenta para reduzir incertezas.

Na prática, isso significa auxiliar o cliente a tomar decisões com maior conhecimento sobre riscos ambientais, ocupacionais, legais e operacionais.

A Ecolabore Engenharia também atua na elaboração de projetos, laudos técnicos, acompanhamento de execução e assistência técnica, ampliando a possibilidade de acompanhamento das diferentes etapas de um empreendimento.

Em um ambiente empresarial no qual segurança, sustentabilidade, conformidade e continuidade operacional estão cada vez mais conectadas, a fronteira entre obrigação e estratégia se torna menos nítida. É justamente nesse espaço que a Ecolabore Engenharia busca atuar: transformando conhecimento técnico em soluções capazes de antecipar riscos, apoiar decisões e agregar segurança ao desenvolvimento dos negócios.




MEIO AMBIENTE

Preservar hoje para garantir o amanhã.




SAÚDE E SEGURANÇA DO TRABALHO

Protegemos vidas. Valorizamos pessoas.




MINERAÇÃO

Excelência técnica em cada etapa do processo.




PROJETOS E ENGENHARIA

Planejamento inteligente para resultados sustentáveis.



Unidade Itabira

Av. Mauro Ribeiro, 444D – Sala 102
Esplanada da Estação
Telefone: (31) 3835-5926
E-mail: adm@ecolaboreengenharia.com.br

Unidade Belo Horizonte

Av. Augusto de Lima, 1568
Salas 1113 e 1114 – Barro Preto
Telefone: (31) 3047-0685

Ecolabore Ocupacional – Unidade Itabira

Telefone: (31) 3066-3285
E-mail: ocupacional@ecolaboreengenharia.com.br



A madeira que move a mineração

Por trás de uma mina existe uma extensa cadeia de empresas que fornece equipamentos, serviços e materiais indispensáveis à operação. Em Itabira, a Madeita encontrou nesse mercado uma oportunidade para transformar madeira em soluções para mineração, ferrovias e indústria

Quando se fala em mineração, é natural pensar nas grandes empresas que extraem, beneficiam e transportam o minério. Mas, por trás de cada operação, existe uma cadeia muito maior de fornecedores. São empresas que produzem equipamentos, prestam serviços especializados, fornecem materiais para obras e infraestrutura e desenvolvem soluções específicas para as necessidades das operações. É nesse espaço que a Madeita, empresa nascida em Itabira, construiu uma trajetória de quase três décadas.

Fundada em 1996 e adquirida pela família Matoso em 2000, a empresa começou com apenas três funcionários e uma área de aproximadamente mil metros quadrados. Hoje, ocupa cerca de 12 mil metros quadrados, mantém uma estrutura mais mecanizada e conta com 42 colaboradores. O crescimento acompanhou uma estratégia clara: especializar-se em madeira e, ao mesmo tempo, ampliar a capacidade de atender diferentes setores. “O que você imaginar de madeira, nós temos”, resume o diretor Tiago Matoso.

A frase ajuda a explicar a transformação do negócio. A Madeita deixou de atuar apenas no fornecimento convencional de madeira e passou a desenvolver produtos para demandas específicas da indústria. O portfólio inclui dormentes ferroviários, assoalhos para vagões, pallets industriais, peças personalizadas para equipamentos, materiais para topografia, estruturas para construção civil, esquadrias, decks, painéis, forros e outros produtos.

Na mineração, essa diversificação ganha importância porque as operações dependem de uma infraestrutura complexa. Ferrovias, oficinas, obras civis, instalações industriais, almoxarifados e diferentes estruturas de apoio demandam materiais que precisam atender especificações técnicas. A Madeita atua justamente nesse mercado, inclusive com produtos

homologados por grandes mineradoras.

A homologação é um dos elementos que ajudam a diferenciar o fornecedor industrial do comércio convencional. Segundo Matoso, determinados produtos precisam seguir padrões de qualidade e apresentar laudos técnicos emitidos por instituições especializadas. Entre eles estão os dormentes utilizados em operações ferroviárias, que precisam atender requisitos de resistência, durabilidade e segurança.

Do produto à solução

Outro aspecto da estratégia da empresa é a fabricação sob demanda. O cliente pode procurar a Madeita não apenas para comprar um produto disponível no estoque, mas apresentar uma necessidade ou projeto para que a peça seja produzida de acordo com medidas e especificações determinadas.

É uma lógica particularmente importante em setores como mineração e construção pesada, nos quais equipamentos e estruturas frequentemente apresentam características próprias.

“Mesmo estando em Itabira, a gente consegue atender as indústrias mineradoras e qualquer projeto no Brasil inteiro”, afirma o diretor.

A presença da Madeita em diferentes estados mostra como uma empresa localizada em um tradicional território minerador pode participar de uma cadeia que ultrapassa as fronteiras do município. A empresa já atende clientes no Pará, Maranhão, Rio de Janeiro e outros mercados.

Esse movimento ganha relevância diante do volume de investimentos previsto para a mineração brasileira. O Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram) estima investimentos de US\$ 76,9 bilhões no setor entre 2026 e 2030. Parte desse capital não permanece nas empresas responsáveis pela extração: movimenta uma rede de fornecedores de bens e serviços que participa,

direta ou indiretamente, dos projetos. É justamente nessa cadeia que empresas especializadas encontram espaço para crescer.

Madeira com origem

A expansão também ocorre em um setor no qual a origem da matéria-prima é uma questão cada vez mais relevante. A Madeita informa trabalhar com espécies reflorestadas, como pinus e eucalipto, além de madeiras nativas provenientes de áreas autorizadas por planos de manejo florestal sustentável.

A empresa mantém documentação para comprovar a procedência da madeira comercializada. Na prática, isso significa que, além de resistência e adequação técnica, o material precisa chegar ao cliente acompanhado de informações que permitam verificar sua origem.

A trajetória da Madeita ilustra, assim, uma dimensão menos conhecida da mineração: a ativida-

de não se resume à retirada do minério. Ao redor das minas existe uma extensa economia formada por fornecedores especializados, empresas de engenharia, transportadoras, fabricantes de equipamentos e prestadores de serviços.

Em Itabira, onde a mineração ajudou a moldar a economia e a própria identidade do município, a Madeita encontrou uma maneira particular de participar dessa engrenagem. A empresa não extrai minério. Fornece parte da infraestrutura e das soluções que permitem que diferentes segmentos da indústria funcionem.

É um exemplo de como a riqueza gerada pela mineração pode se espalhar por uma cadeia produtiva muito mais ampla — e de como empresas locais podem transformar conhecimento, especialização e capacidade de adaptação em negócios que ultrapassam os limites do território onde nasceram.



Tiago Matoso

“O que você imaginar de madeira, nós temos”.

Foto - Divulgação

Madeita em números

1996 ano de fundação

2000 aquisição pela família Matoso

12 mil m² área atual da empresa

42 colaboradores

Atuação

mineração, indústria, ferrovias e construção civil

Modelo

pronta entrega e produção sob medida

Mercado

atendimento a clientes em diferentes regiões do Brasil

Iniciado em 2023, curso de Medicina da Funcesi se torna braço direito da rede pública de saúde da região



O que se espera de um curso de excelência? Uma boa estrutura, professores de alto nível, metodologias de ensino atualizadas... a Medicina da Funcesi, no entanto, vai além. Iniciada em meados de 2023, a graduação também tem se destacado pelo rápido impacto social na região.

Realizadas em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde (SMS), boa parte das atividades práticas dos seus quase 300 estudantes de medicina extrapolam a sala de aula e atingem, diretamente, a população. Supervisionados por experientes profissionais tanto da Funcesi quanto da rede pública, os acadêmicos entregam à sociedade todo o conhecimento adquirido no curso, avaliado com nota máxima pelo Ministério da Educação (MEC).

Em números

Um dos recentes locais da atuação supervisionada dos estudantes foi a Policlínica Municipal de Itabira, na qual realizaram serviços de pediatria em 2025. Naquele período, foram promovidos, no total, 578 atendimentos. Destaque também para a abordagem feita na creche do Combem (Conselho Municipal do Bem Estar do Menor de Itabira), no mesmo ano, que envolveu aproximadamente 70 crianças.

Em 2026, uma nova forma de apoio à rede de saúde foi criada no primeiro semestre. Por meio da Clínica Integrada Revigorar da Funcesi, alunos e docentes

passaram a realizar atendimentos em Pediatria e Clínica Geral.

Os números são expressivos: entre fevereiro e julho, das 2928 vagas disponibilizadas nos dois serviços, 2519 delas, ou seja, 86%, foram preenchidas. Já no segundo e atual semestre, foi incluída na clínica a especialidade Ginecologia e Obstetrícia.

Em agosto, por sua vez, foi iniciada uma parceria com o Ciscel (Consórcio Intermunicipal de Saúde do Centro Leste). Ao lado de nomes já consolidados na área, os acadêmicos realizaram, durante todo o mês, 122 intervenções no consórcio, sendo 88 consultas e 34 pequenas cirurgias.

Ademais, os estudantes também realizam atividades nas unidades básicas de saúde (UBSs) dos bairros Pedreira, Gabiroba e Fênix. Antes disso, logo nos primeiros períodos, participam de aulas nos dois hospitais do município, etapa na qual ainda não exercem a prática, mas iniciam seus contatos com os pacientes.

Desenvolvimento social

Presidente da Funcesi, Maurício Mendes destaca que a integração entre academia e comunidade oferece benefícios para os dois lados.

“Essa análise é importante sob dois prismas. Primeiro, pela formação dos nossos alunos, que precisam colocar na prática todos os ensinamentos adquiridos na formação escolar. Para isso, temos médicos especialistas e excelentes profissio-

nais para orientar a formação desses discentes. Segundo ponto: estamos colaborando enormemente para o atendimento à saúde da população de Itabira e região. São números significativos nos atendimentos na Pediatria, Clínica Médica e agora com Saúde da Mulher e Pequenas Cirurgias”, avalia.

Quem segue uma linha de pensamento semelhante é Shirlei Pereira, pró-reitora do centro universitário itabirano. “Quando os nossos acadêmicos ocupam diferentes espaços de cuidado, eles aprendem juntamente com a comunidade e, ao mesmo tempo, colocam o conhecimento acadêmico a serviço dela. Essa troca transforma todos os envolvidos: beneficia a população, colabora com a rede pública e torna a formação médica mais humana, consciente e conectada com as reais necessidades de Itabira e região”.

Já Wenderson Andrade, coordenador da graduação, salienta que tal método de ensino está totalmente alinhado às atuais diretrizes curriculares da Medicina. Ele detalha como funciona o processo de ensino.

“Desde os dois primeiros anos de curso, os estudantes já começam a ter contato com os pacientes nas UBSs e na Semiologia. É neste momento que eles começam a ter o contato inicial, entendendo a anamnese, o exame físico, a parte observacional e a semiologia da saúde da criança. Depois, já no ciclo clínico, iniciado no quinto período, eles realmente começam a

atender. E isso vai progredindo em grau de complexidade e de intensidade, até que eles chegam no nono período e vão diretamente para a prática em serviço”, ressalta.

Um novo olhar

Um dos discentes envolvidos nos atendimentos é o João Carlos Horta, do 7º período. O discente explica como a prática abre novas possibilidades de aprendizado para ele e seus colegas.

“Acho que as atividades práticas mudam muito a nossa forma de enxergar a Medicina. É quando a gente começa a colocar em prática aquilo que aprende em sala e, principalmente, passa a ter um contato mais próximo com o paciente. E é nesse contato que a gente percebe a importância da empatia, da humanização e da construção de um vínculo terapêutico. Para mim, isso tem sido uma parte muito importante da formação, porque estamos aprendendo não só a cuidar de uma doença, mas a olhar e ouvir a pessoa que está ali com a gente”, enfatiza.

João Carlos também destaca o importante apoio dos professores durante o processo. “Ter um docente por perto para orientar, discutir um caso, corrigir quando necessário e também dividir um pouco da experiência que ele já viveu na Medicina nos dá mais segurança. Acho que essa proximidade ajuda muito no nosso crescimento e também na forma como vamos nos tornando médicos”, finaliza o estudante.

PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO CONTINUADA PARA MONITORES ESCOLARES

**+PREPARO
+CONHECIMENTO
+INCLUSÃO**

Nosso intuito é aperfeiçoar profissionais para atuar na rotina escolar, oferecendo suporte no acompanhamento, segurança, higiene e alimentação dos alunos.



SIGA E ACOMPANHE

itabira.cam.mg.gov.br

Realizado pela Câmara de Itabira através da
Escola do Legislativo.



**CÂMARA DE
ITABIRA**
UNIÃO QUE TRANSFORMA



**ESCOLA DO
LEGISLATIVO
DE ITABIRA**
Professor Paulo Neves

Educação para a participação cidadã